

A Liturgia Escola de Vida Espiritual na Igreja

I

Introdução

Espiritualidade é um modo particular de conceber e realizar o ideal cristão. Não é a mesma coisa que piedade. A piedade limita-se às relações pessoais com Deus, enquanto a espiritualidade se repercute em todos os actos da vida, encaminhando-a para a perfeição. Se há diversidade de espiritualidades é porque há diversidade de modos de encarar o plano de Deus e o ideal cristão. Quando alguém mergulha nas exigências reais do cristianismo e as quer fazer passar à vida, faz nascer na Igreja uma corrente espiritual. A espiritualidade litúrgica é um modo de viver o ideal cristão.

Para viver a espiritualidade litúrgica é preciso ter uma visão clara do cristianismo: uma visão activa e cultural do mistério de Cristo e da sua realização na Igreja; a convicção clara do carácter comunitário da economia divina; uma compreensão profunda do valor dos sacramentos e do lugar primordial que eles ocupam na história da salvação.

Daqui nasce uma série de quatro pressupostos:

a) — A vida cristã baseia-se numa exigência de radicalidade religioso-ética. A tensão do «divino», do «sagrado» repercute-se necessariamente nos actos da vida. É o «nada se ama sem primeiro se conhecer» do provérbio, ou «entender para crer» de Santo Anselmo.

b) — A experiência cristã não é simplesmente de ordem religioso-ética. Ela fundamenta-se essencialmente no acto de fé, isto é, está relacionada essencialmente com o facto decisivo da revelação. Esta vai criar a experiência de uma heteronomia que, ao ser aceite, se transformará num princípio de valor real autónomo.

Quer dizer que numa experiência religiosa de fé a tensão ético-religiosa transforma-se numa obediência a uma revelação e nesta obediência se concretiza a possibilidade e o desejo de comunhão entre Deus e o homem.

c) — Na experiência religiosa cristã tudo isto se concretiza numa referência insubstituível e fundamental a Cristo. Esta experiência de fé em Cristo torna-se absolutamente e radicalmente normativa.

É difícil definir esta *complexa referência* do cristão a Cristo tal como a encontramos nos Actos (9,5) e em Mateus (25,34). Poderíamos falar duma historicidade paradoxal de Cristo de Quem o cristão se tornou «memorial». A história de Cristo é e deve ser a sua própria história. O cristão deixa determinar a sua vida por Ele, mais ainda que pelos Seus ensinamentos e pelo Seu exemplo. Assim o cristão não «recorda» apenas Cristo, mas é uma «memória», uma encarnação d'Ele, uma actualização. É a consequência da «sequela de Cristo» que não pode realizar-se num momento privilegiado, mas deve ser uma preocupação de todos os dias da vida do cristão — «O pai predestinou-nos para sermos conformes à imagem de Seu Filho» (Rom. 8, 29).

Como cristãos, homens de fé, não podemos deixar de aceitar este paradoxo da nossa historicidade: fazemos presente hoje, no tempo, «Alguém que é Ontem e Hoje, Princípio e Fim, Alfa e Ómega, a Quem pertence o tempo e a eternidade» (*Vigília Pascal-Bênção do Círio*). Para isto é que na hora da Sua morte Cristo entregou à Igreja, nascida do Seu peito aberto, o Seu próprio Espírito.

Assim se entende como «cristão» e «espiritual» são termos coincidentes, não só quanto ao seu conteúdo mas mesmo a nível de vida.

O cristão será sempre simultaneamente alguém que vem «depois» de Cristo, mas que vai para Ele; alguém que está no Novo Testamento mas revivendo o Antigo; alguém que em si mesmo retoma toda a historicidade da salvação. Ainda hoje o Antigo Testamento continua a ser livro da vida da Igreja...

Toda esta doutrina sobre a historicidade da vida cristã a podemos encontrar no itinerário espiritual de S. João da Cruz.

d) — A vivência desta consciência histórica cristã dá-se dentro duma comunidade visível e hierárquica, que é a Igreja. A Igreja é o lugar da comunhão oferecida e operada. «Em qualquer tempo e em qualquer povo é aceite por Deus todo aquele que O teme e pratica a justiça (Act. 10, 35), contudo aprouve a Deus santificar e salvar os

homens não singularmente, sem nenhuma conexão uns com os outros, mas constituiu-os num povo que O conhecesse na verdade e santamente O servisse. Escolheu por isso Israel... *Na história deste povo Deus Se manifesta a Si mesmo e torna patente aos homens os desígnios da Sua vontade. E santificou-o para Si. Mas tudo isto aconteceu em preparação e figura daquela nova e perfeita aliança que se estabelecerá em Cristo, e para transmitir uma revelação mais completa através do próprio Verbo de Deus feito Carne (Jer. 31, 31-34)... Este povo tem por cabeça Cristo... Tem por condição a dignidade e a liberdade dos filhos de Deus... Sua lei é mandamento novo do amor; Sua meta é o Reino de Deus, iniciado pelo próprio Deus na terra... Este povo messiânico é para todo o género humano germe de unidade, esperança e salvação... Constituído por Cristo... é assumido por Ele como instrumento de redenção de todos (Mt. 5, 13-16)... Como o Israel segundo a carne é chamado Igreja de Deus (2 Esdras, 13, 1; Num. 20, 4; Deut. 23, 1 ss) assim o novo Israel que caminha no tempo presente é chamado Igreja de Cristo (Mt. 16, 18)».¹*

A interioridade e profundidade da comunhão em Cristo e no Espírito Santo experimentam-se no próprio acto em que a comunidade eclesial se identifica na celebração, segundo o princípio: «a Igreja faz a Eucaristia e a Eucaristia faz a Igreja»².

II

Liturgia e Espiritualidade

Falar de «liturgia» é falar duma forma concreta de celebrar. A celebração para ser autêntica e fiel a si mesma e para poder exprimir os valores da Aliança que nela se encerram precisa de nascer, exprimir, alimentar e alimentar-se do ambiente concreto em que se desenrola. Como tal, a celebração litúrgica supõe e alimenta uma experiência cristã. Assim se dá conta que entre liturgia e experiência espiritual há a mais estreita ligação. A verdade da celebração é assegurada pela verdade da experiência espiritual. Quando os textos, os cantos, os gestos, a linguagem estão longe ou fora do contexto humano, a celebração não toca, nada diz à Igreja reunida; não realiza

¹ II Conc. Ec. Vaticano, Const. *Lumen Gentium*, n.º 9.

² Giovanni Moiolli, *Liturgia e Vita Spirituale*, in *Rivista Liturgica* 319 (74) 327-329.

o Mistério; não se torna «acontecimento». A comunidade esteve reunida, mas nada se passou com ela.

Assim a celebração não passa de um dever que importa cumprir apenas por razões morais: — porque é pecado não ir à missa ao domingo, porque é pecado não se confessar, etc...; ou passa a ser inculcada por razões empolgantes: — o padre deve rezar o Breviário porque ele é «totius Ecclesiae os»; — porque o officio divino é a «oração de toda a Igreja»...; — a missa é importante porque é «a renovação do Sacrifício da cruz»; etc...

Tudo isto é verdade, mas todo este modo de falar diz-nos que se busca o «significado» num facto, que como tal, continua insignificante: uma celebração de nada para ninguém. Importa dar valor à experiência religiosa pessoal, metê-la na celebração e ela dará a esta o calor necessário para se tornar uma «actio» vivificante.

Não sendo significada nem interpretada na celebração litúrgica, a experiência cristã vai retratar-se e expandir-se noutras formas de celebração, colaterais à celebração litúrgica. Ela mesma passará a ser o contexto das «devoções» ou das superstições. Duma devoção a uma superstição a distância não é larga!

Aqui teremos uma das explicações da indiferença perante os sacramentos... A acção litúrgica não celebra «nada».

Por princípio não se pode aceitar uma vida cristã fora ou ao lado da celebração litúrgica pois que a celebração é a própria realização e actuação, «hic et nunc», *do único mistério da salvação* em Cristo, devendo a vida cristã, por sua própria natureza, assumir o acontecimento celebrado na acção litúrgica para se tornar a sua dimensão vivida, segundo a trilogia: *mistério-celebração-vida* e vice-versa. Assim teremos claramente destacados os dois aspectos da acção litúrgica: por um lado ela é o próprio mistério de Cristo posto ao alcance de todos os homens — e os homens têm fome dele —, por outro lado a vida cristã actualiza o mistério de Cristo passando-o para a vida e tornando-o experiência.

Este pensamento, encontramos-lo desenvolvido na *Sacrosanctum Concilium* ao longo dos n.º 6, 7 e 10. O sublinhado é nosso.

n.º 6: — ... «assim como Cristo foi enviado pelo Pai, também Ele enviou os apóstolos, cheios do Espírito Santo, não só para pregarem o evangelho a toda a criatura, anunciarem que o Filho de Deus nos libertou do poder de Satanás e nos transferiu para o Reino de Seu Pai,

mas ainda *para levarem a efeito* o que anunciavam: *a obra da salvação através do Sacrifício e dos Sacramentos, sobre os quais gira toda a vida litúrgica*».

n.º 7 — «Para levar a efeito obra tão importante Cristo está sempre presente na Sua Igreja, sobretudo nas acções litúrgicas. Presente está no Sacrifício da missa, tanto na pessoa do ministro, como nas espécies eucarísticas. Presente está nos sacramentos, de tal modo que quando alguém baptiza é o próprio Cristo que baptiza (*S.to Agostinho*). Presente está na Palavra, pois é Ele mesmo que fala quando se lêem as Sagradas Escrituras na Igreja. Está presente quando a Igreja ora e salmodia, Ele que prometeu: «Onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome, Eu estarei no meio deles» (Mt. 18, 20).

Com razão a Liturgia é tida como o exercício do munus sacerdotal de Jesus Cristo no qual é significada e realizada a santificação do homem».

n.º 10: «A própria liturgia, por seu turno, impele os fiéis, saciados dos sacramentos pascais, para que sejam concordes na caridade, conservem em suas vidas o que receberam pela fé; a renovação da aliança do Senhor com os homens na Eucaristia solicita e estimula-os para a caridade imperiosa de Cristo. Da liturgia portanto, como de uma fonte, deriva a graça para nós e com maior eficácia se obtém aquela santificação dos homens em Cristo e a glorificação de Deus, para a qual tendem, como para seu fim, todas as demais obras da Igreja».

Para quem iniciou os caminhos da fé, o momento do encontro pleno e consciente com Cristo dá-se na celebração dos sacramentos no seio da Igreja. — O mesmo se deve dizer para todos quantos desejam percorrer o caminho até ao fim —.

O mistério de Cristo manifesta-se e comunica-se na celebração ritual. Nela o agir simbólico permite o grau máximo do relacionamento com a realidade: anúncio, comunicação, comunhão, compromisso.

Num verdadeiro e autêntico clima humano — o clima do sinal — intervêm a troca, o dom recíproco entre Cristo e o homem, deles nascendo uma união real e profunda que nos sinais (como a oferta das coisas naturais) encontrará o seu suporte constante... Sendo a celebração o momento privilegiado do encontro com Cristo é um tempo forte e tem o seu lugar próprio na totalidade da vida real dos homens e uma função em ordem ao Reino futuro.

Os elementos da celebração: — acolhimento mútuo, celebração dos sinais da salvação, ouvir a Palavra, fidelidade, fraternidade, respeito pelos ministérios — jogam toda a riqueza da sua pedagogia de base. Na celebração cada cristão encontra um universo coerente, e ao mesmo tempo diversificado, que não deixa na sombra nenhum aspecto importante da vida.

A própria comunidade encontra na assembleia um modelo de comportamento. Aquilo que o rito realiza e o modo como todos os presentes são chamados a nele participar, constitui a trama das relações que deverão realizar-se na vida da comunidade: *duma comunidade de fé — para uma comunidade celebrante — para uma comunidade de vida*. Quer a nível pessoal, quer a nível comunitário, a celebração é «uma fonte de vida» e um ponto de referência³.

Não se pode falar de «liturgia» e de «vida espiritual» como coisas independentes. Se a liturgia é a celebração do mistério de Cristo, «ipso facto» ela é o fundamento e conteúdo de toda a vida espiritual. E em contrapartida a vida espiritual aparece como a verdade última da celebração litúrgica. Liturgia e vida espiritual são dois modos de falar da mesma realidade. Quando se diz «liturgia» sublinha-se o que há de mais específico na celebração: não tanto as suas componentes a nível teológico ou pastoral, mas a sua acção, o seu agir simbólico. Não as rubricas ou textos contidos nos livros, mas o actuar concreto do rito com todas as suas variantes que no desenrolar da «acção» entram com todo o seu peso. Quando se diz «vida espi-

³ Eugenio Costa, *La Celebrazione: Fonte e Culmine della Vita Spirituale*, in *Rivista Liturgica* 3 (1974) 374-379.

ritual» fala-se simplesmente da vida concreta do homem crente nas suas relações com Deus, com os outros e consigo mesmo.

A liturgia é «fons et culmen» porque o cristão começa a existir plenamente como tal quando começa a participar nas acções litúrgicas, sendo cada uma delas para ele lugar de origem e ponto de chegada, uma fonte de alimentação e uma referência, uma passagem obrigatória, porque vital.

Em termos bíblicos poderíamos falar aqui do «culto espiritual» de que nos falam *Oseias* (2, 13-15), *Amós* (5, 25); *Jeremias* (7, 22-23); *Miqueias* (6, 6-8); *Daniel* (3, 38); *Exodo* (19, 5-6); *Salmo* 49 ; *Salmo* 50; *Hebreus* (10, 5-7); *Mt.* (26, 39 e paralelos).

Em cristianismo não se pode falar duma experiência espiritual sem admitir que ela é o culto real prestado a Deus — o único culto que é do Seu agrado.

III

Liturgia e vida espiritual na história da Igreja

Entre a celebração litúrgica e a vida cristã deve existir uma osmose permanente. A vida faz de contexto e assegura a vitalidade da celebração. As suas relações são essenciais. Quando a celebração se desenrola sem contexto, isto é, quando não exprime nem se alimenta da vida, perde a sua identidade e eficácia. Cada um dos seus elementos litúrgicos será respeitado por um princípio de valor ritual, mas sem jamais encontrar o valor duma linguagem simbólico-litúrgica.

Passando os nossos olhos pela nossa vida pastoral teremos uma série interminável de casos exemplificativos: pensemos na vivência duma missa de corpo presente dum familiar (o ritual chama a atenção para o facto); pensemos no choque da fé das eucaristias com a celebração comunitária do baptismo; nas celebrações paroquiais da Primeira Comunhão ou da Profissão de Fé; pensemos na riqueza duma eucaristia com profissão religiosa, ordenações sacerdotais ou consagração episcopal...

Assim se entende porque historicamente os Santos invocados na Confissão, ao princípio da missa, e no Cãnon, eram os Santos da Igreja local⁴.

⁴ Adrien Nocent, *Storia della Celebrazione dell'Eucaristia*, in *Anamnesis* 3/2: *Eucaristia, teologia e storia della celebrazione*, Marietti 1983, 201 e 239.

Se penetrarmos o espírito da celebração litúrgica, poderemos saborear a riqueza de vida espiritual da primitiva comunidade cristã e entenderemos toda a grandeza da história da Igreja nos seus primeiros tempos.

As comunidades primitivas praticamente só tinham uma forma de espiritualidade. Nós a podemos encontrar nas catequeses mistagógicas dos Santos Padres, tais como *Santo Ambrósio* (De *Mysteriis* e De *Sacramentis*), *Santo Agostinho* (Sermões e Comentários aos Salmos); *S. Cirilo de Jerusalém* (Catequeses Mistagógicas); *Dionísio Areopagita* (De *Ecclesiastica Hierarquia*); *S. Pedro Damiano* (Dominus *Vobiscum*). A característica comum da espiritualidade de todos eles era a fusão perfeita entre a liturgia e a vida.

Ao ler-se a história destes primeiros séculos constata-se que era mesmo absurdo admitir a hipótese de uma actividade espiritual privada, sem ligação com o culto público da Igreja. Todos os cristãos tinham o sentido da unidade em Cristo e na Igreja solidamente enraizado nos seus corações; e na celebração comum eles tornavam-se de verdade «um só coração e uma só alma» (Act. 4, 32), um só Corpo em Cristo. Na celebração encontravam o alimento sólido e abundante que lhes transformava a vida.

Se tomarmos a *Tradição Apostólica* de *Hipólito de Roma* constatamos que as celebrações eram «concelebrações» de toda a comunidade. Os catecúmenos recebiam a sua iniciação ao longo da celebração litúrgica. Através da liturgia da Palavra eram instruídos nos fundamentos da fé e da vida espiritual. Os ritos litúrgicos completavam a sua preparação para o baptismo. Os sacramentos da iniciação conferiam-lhes a filiação divina, a plenitude da vida espiritual, a comunhão sacramental com Cristo e a comunhão na caridade com toda a Igreja.

No tempo das perseguições, e mesmo depois, os mais saborosos frutos de santidade da Igreja amadureceram ao calor da Liturgia. Pensemos no incalculável número de virgens, na força invencível dos mártires expressa com alegria diante dos juizes com a comum profissão de fé: «*christianus sum*»; recordemos a multidão de monges que povoaram os desertos do Egipto e da Ásia menor no desejo de viver uma vida à imitação de Cristo; pensemos na caridade fraterna das primeiras comunidades, partilhando o pão nas suas casas (Act. 2, 42). Tudo isto era fruto duma celebração que, abarcando, transformava a vida. Importa meditar, no dia a dia da Pastoral, em *Actos* 2, 42. s.

Se lermos as Actas dos Mártires ficaremos com certeza impressio-

nados com a profundidade da vivência litúrgica e veremos até onde eles mergulhavam as raízes da sua espiritualidade. As palavras, os gestos, as atitudes na hora suprema do seu martírio eram as mesmas que eles usavam nas celebrações comunitárias:

a) — era com um «*Deo gratias*» que eles costumavam ratificar a leitura da sentença proclamada pelo juiz, como o faziam na assembleia litúrgica após a leitura da Palavra de Deus. Assim fez, por exemplo, S. Cipriano.

b) — O «*Amen*» com que tantas vezes concluíram na Igreja as orações comunitárias e que pronunciavam como profissão de fé ao receber a eucaristia, ratificava a oferta da sua própria vida, associando-se pelo martírio à paixão sangrenta de Cristo.

c) — Nas actas do martírio de Santa Afra⁵ lê-se que, quando era levada para o suplício, rezava esta oração de acentuado sabor litúrgico:

«Eu Vos dou graças, Senhor Jesus Cristo, porque Vos dignastes aceitar-me como vítima para glória do Vosso Nome, Vós que fostes imolado, como vítima, sobre a cruz para a salvação do mundo inteiro: Justo pelos injustos, Bom pelos maus, Bendito pelos malditos, Inocente pelos pecadores. Por isso eu Vos ofereço o meu sacrifício, a Vós que viveis e reinais com o Pai e o Espírito Santo, ó meu Deus, pelos séculos dos séculos. Amen».

Como esta, podem citar-se muitas orações de muitos mártires, todas carregadas de sabor litúrgico, quer na sua forma, quer no seu conteúdo (S. Severo, S. Deodato, S. Paulo de Gaza). A diversidade da sua origem mostra que se trata dum mesmo modo de viver a celebração.

Celebre a felicíssima oração feita por S. Policarpo no momento em que o carrasco prepara a fogueira que o vai consumir (155):

«Senhor, Deus omnipotente, Pai de Vosso muito amado e bendito Filho Jesus Cristo por Quem nos foi dado conhecer-Vos; Deus dos Anjos e das Potestades, e de toda a criação; Deus de toda a raça dos Justos que vivem junto de Vós, eu Vos bendigo porque me julgastes digno deste dia e desta hora, digno de tomar parte, em nome dos mártires, no cálice do Vosso Filho, para a ressurreição da vida

⁵ S. *Afrae martyris*, n.º 19, in *Acta Santorum Augusti*, II, 58.

eterna da alma e do corpo, na incorrupção do Espírito Santo. Com eles possa eu nestê dia ser admitido diante de Vós, como sacrificio agradável e perfeito. Por tudo isto e por todas as coisas, eu Vos louvo, Vos bendigo e Vos glorifico em Jesus Cristo, Vosso muito amado Filho, nosso Sumo e Eterno Sacerdote. Por Ele Vos seja dada, em união com o Espírito Santo a glória, agora e por todos os séculos que hão-de vir. Amen»⁶.

Não é difícil descobrir nesta oração a estrutura duma Prece eucarística.

Já no próprio local do martírio, de olhos postos no céu, pronuncia uma outra oração com as mesmas características:

«Deus dos anjos e dos arcanjos, Vós que sois a nossa ressurreição e perdão dos nossos pecados, Vós que sois o protector da raça dos Justos que vivem na Vossa presença, eu Vos bendigo e dou graças porque me julgastes digno de tomar parte na herança e na coroa do martírio, por Jesus Cristo, na unidade do Espírito Santo, para que, consumado o sacrificio desta tarde, eu possa receber tudo quanto em verdade prometestes. Por isso eu Vos bendigo por todas as coisas e Vos glorifico em Jesus Cristo, Pontífice Eterno e Todo-poderoso, em Quem, por Quem, a Vós, na unidade do Espírito Santo, sejam dadas honra e glória, agora e sempre pelos séculos. Amen».

d) — Na hora do martírio, em que seria absolutamente natural que a angústia do momento absorvesse todas as capacidades da natureza humana, não deixavam os mártires de fazer a sua oração dos fiéis ou Oração Universal, autênticas *Orationes Solemnes*, tais como as vamos encontrar em Sexta-feira Santa.

O mártir Paulo de Gaza, condenado a ser decapitado, pediu ao carrasco alguns minutos para se recolher e rezar. E reza pelo povo cristão; faz memória dos judeus e dos samaritanos; reza pelos pagãos e pela multidão curiosa que o rodeia; e termina intercedendo junto de Deus pelo juiz que o condenou, pelos imperadores que ordenaram a perseguição e pelo carrasco que o ia decapitar.

O próprio S. Policarpo, após duas horas de oração, termina fazendo memória de toda a Igreja; lembra os conhecidos e desconhecidos; os bons e os maus e todos os cristãos que continuavam unidos à Igreja.

⁶ G. Bardy, *La Vie Spirituelle d'après les Pères des trois premières siècles*, in *La Maison-Dieu* 69-72 (1962) 29.

A um cristão que lhe pede uma lembrança especial na oração, no momento do martírio, S. Frutuoso, bispo de Tarragona, respondeu: «desejo ter presente no meu coração a Santa Igreja, desde o oriente até ao ocidente».

No grupo dos mártires da Abitínia havia um leitor (Emérito), em cuja casa se tinha celebrado a liturgia. O procônsul de Cartago interroga-o:

- «É verdade que a reunião foi feita em tua casa contra as ordens do imperador?
- Sim, foi verdade que celebramos a liturgia do Senhor.
- E porque deixaste entrar toda esta gente?
- Porque são meus irmãos e eu não podia recusar-lhes a minha casa.
- Mas devias tê-lo feito...
- Não podia, porque nós não podemos viver sem celebrar a liturgia».

Um outro elemento do grupo, o leitor Ampélio, explicava ao procônsul os tesouros que possuía: a comunhão com os irmãos; a celebração do «dominicum»; as Santas Escrituras e, no mais íntimo do seu coração, o louvor de Deus.

Nas Actas de S. Frutuoso encontramos ainda um outro facto cheio de interesse: enquanto os mártires eram conduzidos ao suplício, a multidão oferecia-lhes uma mistura preparada para aquela ocasião, à semelhança do que se passou com Cristo no alto da cruz. S. Frutuoso não a aceita «porque ainda não é a hora de quebrar o jejum». Era a 4.^a hora. Esperava quebrá-lo com os mártires e profetas no banquete que o Senhor preparou para aqueles que O amam.

e) — Uma outra atitude frequente entre os mártires, era *rezar de braços abertos*, como estavam habituados a fazê-lo nas celebrações litúrgicas. — «Solitae consuetudinis memores» — dizem as Actas de S. Frutuoso ao falar do modo como os diáconos Augusto e Eulógio fizeram a sua última oração no meio das chamas.

f) — Também era gesto comum entre eles o abraço da paz.

Na «Passio» das Santas Perpétua e Felicidade lê-se que esta última, depois de se ter despedido de seu irmão e de um outro cristão a quem exortou a permanecerem firmes na fé, juntou-se aos mártires, seus companheiros, e uma vez chegados ao lugar do suplício, todos

se deram solenemente o beijo da paz e esperaram «imóveis e em silêncio» o golpe final.

S. Fabião, no momento da separação de seus irmãos, diz-lhes: «Nós queremos dar-vos a paz, irmãos queridos, e a nossa paz permanecerá convosco se a guardardes com a Igreja e permanecerdes unidos na caridade». S. Marciano e Nicandro dão-se primeiro o abraço da paz e depois ajoelham-se para que o carrasco cumpra o mandato.

g) — Em certos casos Deus quer consolar e fortalecer os Seus mártires antes da grande prova e envia-lhes um anjo para lhes oferecer um vaso de leite. Esta bebida, que lhes curava as feridas recebidas na prisão e que lhes enchia o coração de consolação e força para o martírio, é uma alusão ao leite que beberam no dia do seu baptismo como alimento da sua nova vida sobrenatural. Agora é sinal doutra vida melhor na qual muito em breve vão entrar. Deste leite fala a *Tradição Apostólica de Hipólito*.

h) — Na prisão muitas vezes os mártires antevêm o céu como um banquete preparado no meio de um jardim de delícias. É a transposição para um outro mundo dos ágapes fraternos em que eles tomaram parte durante a vida.

Parece que não há oração nenhuma dos mártires que não seja uma ressonância da oração litúrgica. Muitas das suas palavras mostram como os termos das celebrações litúrgicas da Igreja tinham penetrado tão profundamente a sua alma e a sua vida⁷. Ao lermos todos estes testemunhos, damos conta que o segredo da grandeza da fé destes séculos e a profundidade da vida espiritual destes cristãos está no modo como eles viviam as suas celebrações e como as celebrações se transformaram para eles numa fonte vitalizadora inexaurível a plasmar-lhes na carne o que cada um deles havia de testemunhar no martírio.

IV

A exuberância dos ritos, morte da piedade

As celebrações litúrgicas tiveram sempre um lugar primordial na vida das comunidades cristãs até fins da idade patristica. A partir da Idade Média a liturgia sofre uma modificação profunda nas suas

⁷ G. M. Brasó, *Liturgie et Vie Spirituelle*, Belgica 1964, 48-49.

expressões externas. Assistimos ao crescimento do esplendor litúrgico, do número das festas, da duração dos officios carregados de cerimónias, tantas vezes importadas da corte imperial. Crescendo a exuberância exterior, progressivamente vai diminuindo a influência da liturgia na vida dos fiéis. Participa-se no canto, nas cerimónias, nas procissões, no «espectáculo», mas diminui a participação sacramental; os períodos de silêncio, a permitir uma assimilação e interiorização pessoal, são absorvidos por exercícios que se sucedem, como se se temesse o vazio da celebração.

Se passarmos os olhos pelos sacramentários pós-gregorianos, veremos como a liturgia da Semana Santa, do Baptismo, da Penitência pública e das Ordenações é sobrecarregada de cerimónias, da mais diversa proveniência, que acabaram por dar à celebração um ar artificial sem ressonância na vida. Comparemos o rito da ordenação dos mais antigos eucológicos — com uma oração só e a imposição das mãos — (*Tradição de Hipólito*) — com os «Ordines» da alta Idade Média cheios de cerimónias, de cantos e de intermináveis orações.

Folheemos os missais e breviários do tempo e encontraremos sobretudo nas festas dos Santos, que não cessavam de se multiplicar, fórmulas de carácter popular e sentimental, tantas vezes tocando a raia da superstição. Vejamos, por exemplo, os hinos do Breviário, as Sequências do Missal e as glosas que invadiram os textos da missa e do officio divino. Há Sequências para as missas dos Santos, missas do Comum e até para as missas dominicais e festivas. Adaptam-se a todos os gostos, retratam muitas vezes factos puramente lendários.

As «glosas» eram introduzidas como comentários a todos os textos da missa e do officio, quer se tratasse de partes fixas, quer de partes variáveis. O povo gostava delas porque as entendia. Era o princípio da dramatização da liturgia. Um exemplo apenas:

- *Glória in excelsis Deo* — *cujus reboat in omni gloria mundi,*
- *Et in terra pax* — *pax perennis,*
- *Hominibus bonnae voluntatis* — *qui Deum diligant in veritate,*
- *Laudamus te* — *te decet laus,*
- *Benedicimus te* — *de die in diem,*
- *Adoramus te* — *cum prece, voto, hymnis adsumus ecce Tibi,*
- *Glorificamus te* — *qui in coelis gloriosus es,*
- *Gratias agimus tibi,* de beneficiis tuis... etc.

Para a leitura do livro do Apocalipse de S. João na festa dos Santos Inocentes, começava-se: «Lectio libri Apocalypsis Johannis Apostoli, qui testimonium perhibet de te...»

O nosso Gradual ainda nos dá amostras disto ao designar os diversos Kyrie com um título. Por exemplo:

- Kyrie 1 — lux et origo;
- » 2 — fons bonitatis;
- » 3 — Deus sempiternus;
- » 4 — Cunctipotens Genitor Deus;
- » 5 — Magnae Deus potentiae;
- » 6 — Rex Genitor;
- » 7 — Rex splendens;
- » 13 — Stelliferi conditor orbis; etc.

Famoso neste género era o Offício de Pedro de Corbeil que durava quase todo o dia para ser celebrado, tão carregado estava de fórmulas e cerimónias ⁸.

Assim entendemos porque S. Francisco de Sales no seu retiro de preparação para a ordenação sacerdotal toma o propósito de rezar sempre o Rosário durante as missas cantadas.

A exuberância exterior matou o espírito da liturgia e o espírito dos fiéis. O culto, que para ser regra e alimento da vida espiritual, devia tornar acessível à inteligência e ao coração dos cristãos o Mistério de Cristo, estava reduzido a puro ritualismo. As cerimónias passaram a ser tomadas como um fim em si mesmas; a celebração torna-se um acto ritual social e a força vivificante do Mistério desapareceu.

Neste momento podemos pensar ainda em muitas missas e sermões de Festa, nas primeiras comunhões solenes; nas nossas procissões...

Com certeza o povo gosta das manifestações exteriores, entusiasma-se com elas. Mas a riqueza, a realidade transformadora do Mistério de Cristo, contida na acção litúrgica, para ser vida na vida dos cristãos, estará muito longe do seu contexto. Esquecido o Mistério na celebração, toda a atenção irá só para aquilo que responde à sensibilidade. Assim se entende porque neste tempo começam a aparecer as devoções à Santa Humanidade de Jesus Cristo e logo de

⁸ Cf., *Office de Pierre de Corbeil. Texte et chants d'après le manuscrit de Sens (XIII siècle)*, intr. et notes par H. Villetand, Paris, 1907.

seguida a Nossa Senhora. Cristo, que sempre foi apresentado como o «*Dominus*», o «*Mestre*», agora (século XV) é transformado no «*Homem das Dores*», nu, a esvair-se em sangue, coroado de espinhos, acompanhado dos instrumentos da Sua paixão, colocado morto nos joelhos de Sua Mãe dolorosa.

As duas devoções irão ganhar terreno, acabando cada uma por criar o seu ciclo litúrgico. Maria que sempre foi celebrada em ligação com Cristo, terá um ciclo próprio, que sempre se foi acentuando cada vez mais, até que na Renascença forma já um ciclo paralelo ao de Cristo.

V

A presença do Monaquismo

As comunidades monásticas organizaram a sua liturgia própria, com sabor primitivo, com espaços marcados para a celebração do «opus Dei» e para a «lectio divina». No século XII encontramos ainda esta espiritualidade monástica bem retratada na celebração litúrgica. A vida, a teologia, a maneira de pensar, são o contexto vivo da celebração. O monge, que desejava fazer da sua vida uma «sequela» e uma identificação perfeita com Cristo nos Seus mistérios (*Cristo Ideal do Monge, Cristo Vida da Alma, Jesus Cristo nos Seus Mistérios*), sabe que estes continuam a ter para ele perene actualidade. Por isso os celebra na sua liturgia.

Porque os ama, celebra-os; porque os celebra, torna-os presentes e actuais. Para o monge a celebração litúrgica e a Palavra de Deus (opus Dei e lectio divina) são o lugar privilegiado da actualização do Mistério de Deus. Para ele imitar, fazer-se à imagem (Rom. 8,29) e viver a celebração são coisas coincidentes. A sua imitação de Cristo tem fundamento litúrgico.

Interessante notar como Santa Matilde (+1298) e Santa Gertrudes (1302) têm os seus diálogos com Cristo durante as celebrações litúrgicas. As suas orações são retiradas, quase na totalidade, dos textos da missa e do ofício divino e as luzes divinas que recebem dizem respeito ordinariamente aos ritos litúrgicos e às observâncias da vida conventual ⁹.

Com o andar do tempo, porém, também o ambiente monástico

⁹ Cf. Brasó, *Liturgie*, 63.

deixou de ser o contexto da celebração litúrgica, dado que a liturgia teimava imóvel e sem resposta para a vida concreta. E também no mosteiro se perdeu a unidade entre celebração e vida. E assim como entre os fiéis se começaram a espalhar os livrinhos de orações para acompanhar a missa, no mosteiro começa a impôr-se a leitura da Imitação de Cristo como livro preferido para a «oração mental».

Nos officios corais, a cada hora canónica ajuntavam-se os *salmos familiares* por intenção dos associados, pelos amigos e benfeitores. Seguiam-se os salmos penitenciais e no fim rezava-se ou cantava-se o Offício de Defuntos, seguido do Offício de Todos os Santos e ainda se havia de encontrar tempo para o Offício de Nossa Senhora.

Em certos lugares, as comemorações dos Santos (abundantes ainda no Breviário dos últimos tempos) faziam-se diante do altar que lhes estivesse dedicado. O canto do *Benedictus*, do *Magnificat* e do *Te Deum* sempre tinham lugar na capela reservada ao Santo. Para lá a comunidade se dirigia cantando a antífona.

O officio deixou de ser o alimento espiritual dos monges, que gastavam a maior parte do seu tempo em cerimónias sem sentido. A oração tornou-se um fardo; a «lectio divina» desapareceu, quando era a verdadeira ocupação dos monges, e com isto se relaxaram a observância e a vida regular.

Caída a liturgia no formalismo e esvaziada de todo o conteúdo, paróquias e mosteiros caíram na decadência. Cátaros, Valdenses e Albigenses formaram contra-igrejas anti-sacramentárias. O povo refugia-se em práticas de piedade vazias de sumo doutrinal. As almas privilegiadas dedicam-se a uma espiritualidade íntima pessoal, o mais possível despojada de todo o formalismo exterior, quase exclusivamente fundamentada na devoção afectiva. A Igreja, perdendo a riqueza da sua celebração, perde a sua própria identidade.

VI

Conclusão

Os acontecimentos que marcam o nosso tempo parecem ser um apelo a que se dê aos fiéis uma piedade mais solidamente enraizada no «opus Dei» e um maior espaço dentro da Igreja.

Se em todos os domínios da actividade humana ao individualismo sucede o sentido da comunidade, na Igreja é hora de deixar o indi-

vidualismo e o subjectivismo religiosos para encontrar e viver o sentido eclesial e comunitário do nosso culto.

Todos damos conta que nesta época de progresso cultural, o sentimentalismo já não satisfaz ninguém. Persistir nele é estar a gastar cera com fraco defunto. À medida que a catequese se aprofunda e a teologia abre as portas para novas perspectivas, todos sentem cada vez mais urgente a necessidade de alimentar a sua vida espiritual com um pão sólido, diferente das devoções sem base.

Daí o interesse e a alegria manifestados pelos fiéis quando descobrem as riquezas espirituais no contacto com a liturgia, com a Palavra de Deus e os Sacramentos. Basta constatar o seu entusiasmo quando participam nos ritos e cantos da Igreja; a sua alegria, por exemplo, após uma vigília pascal bem celebrada em comum!...

Tudo isto sublinha já os temas para as nossas pregações: uma catequese séria quanto ao sentido da missa e dos sacramentos, sobretudo do Baptismo, uma catequese bíblica sobre a páscoa, o sacrificio, a aliança, a oferta, a penitência, o sacerdócio dos fiéis, etc.... Uma catequese que não deve limitar-se a grupos escolhidos mas deve dirigir-se a todo o povo de Deus. Doutra modo o carácter comunitário, tão importante em liturgia, ficará em segundo plano — a liturgia não é privilégio de uns tantos —. «É desejo ardente da Santa Mãe Igreja, diz o n.º 14 da «Sacrosanctum Concilium», que todos os fiéis sejam levados àquela plena, consciência e activa participação das celebrações litúrgicas que a própria natureza da liturgia exige e à qual, por força do baptismo, o povo cristão, «geração escolhida, sacerdócio real, nação santa, povo resgatado» (I Ped. 2, 9) tem direito e obrigação... Pois é a liturgia a primeira e necessária fonte da qual os fiéis bebem o verdadeiro espírito cristão».

Os Directórios litúrgicos foram publicados para ajudar na realização desta tarefa.

Vamos terminar com a consciência clara de que este trabalho está incompleto. Falta tratar um parágrafo referente ao papel primordial e insubstituível do padre como animador da assembleia litúrgica e como pastor da comunidade de fé. O mesmo n.º 14 da «Sacrosanctum Concilium» diz logo a seguir: «todas as esperanças estarão perdidas, se os próprios pastores de almas não estiverem imbuídos do espírito e da força da Liturgia e dela se tornarem mestres. Por isso se torna *multíssimo* necessário que antes de tudo — e quanto antes — se cuide da formação litúrgica do clero». E a Constituição

dá normas concretas para esta formação desde o n.º 14 ao 19. Este é o caminho certo. Grande tarefa a realizar ainda!

Quando os fiéis rezarem com a Igreja e como a Igreja, serão moldados pela sua doutrina, pelo seu modo de pensar e pelos seus juízos de valor sobre a vida humana (aborto, trabalho, justiça social...). Os valores da Igreja serão os seus valores, os critérios d'Ela serão os critérios deles. Rezando com a Igreja e como a Igreja eles viverão em conformidade com o espírito da Igreja.

A liturgia cultiva a sensibilidade e, através da beleza do seu culto, educará os cristãos para os verdadeiros padrões da beleza, da arte, da cultura, da civilização.

Diz a história que a crise litúrgica se traduziu numa crise de mentalidade eclesial. Para pensar com a Igreja e como a Igreja é preciso estar senhor do sentido das Escrituras e dos livros litúrgicos.

Possa este esforço de actualização litúrgica dar aos homens do nosso tempo uma Igreja «cheia de beleza, sem mancha, nem rugas, nem nada de semelhante, mas santa e imaculada» (Ef. 5, 27), tal como Cristo a amou.

NARCISO COELHO DE BESSA, O. S. B.

Moral ou Ética?

Introdução

A condição humana é inevitavelmente trágica. E é precisamente a estrutura dessa condição trágica da existência humana que a Bíblia apresenta, logo no início, no relato mítico do chamado «pecado original». Adão e Eva, diz o Génesis, eram felizes, vivendo no paraíso terreal: «estavam nus e não se envergonhavam»¹. Mas, no dia em que comeram do fruto da árvore da ciência do bem e do mal, «os seus olhos abriram-se»², viram que estavam nus e souberam que eram mortais, sujeitos à consciência da inevitabilidade de morrer. Pelo acesso à consciência e pelo uso e abuso da razão, o homem perdeu a inocência. Foi cindido da Totalidade originária e arremessado para a liberdade. Entrou na ruptura entre o finito e o Infinito, na «consciência desgraçada», que tanto atormentou Hegel e, em última análise, toda a filosofia.

Eis, pois, a grandeza do homem: sabe que sabe — a consciência. Mas o saber finito, esse intervalo, esse «entre» o Nada e o Tudo, que é a consciência, constitui o lugar da sua infelicidade. O animal também tem dores e também morre, mas não é propriamente capaz de infelicidade, porque não sabe que é mortal nem vive devorado pela consciência da finitude e da ignorância do Desconhecido.

Temos, pois, no relato bíblico a instituição estrutural do homem: liberdade consciente (no mundo e frente ao mundo), com outras liberdades, sob o olhar da morte em busca do Outro ausente. E a história humana, o que é senão essa procura incessante do Outro? Mas, como, na dialéctica entre a liberdade e a segurança, prefere, por princípio, a segurança, recusando a liberdade³, o homem tem

¹ Gén. 2, 25.

² Gén. 3, 7.

³ Neste sentido, é altamente significativa a famosíssima *Lenda do Grande Inquisidor* (Cf. DOSTOIEWSKY, *Os Irmãos Karamazov*, I, Porto, 1956, 341-360.